



ARTE E SUAS INSTITUIÇÕES

XXXIII COLÓQUIO DO COMITÊ BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA ARTE

RESUMOS

Claudia Valladão de Mattos
Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP

“A Hileia Amazônica no MASP: Arte e Ecologia na década de 70 no Brasil”

“Em São Paulo, e não indo para o Xingu, conheci o mundo indígena. Vi no MASP a exposição Hileia Amazônica e foi como uma ducha de paixão e identificação. As amarras! Índio não usa prego, amarra tudo! Esse grafismo e a Oca redonda, amarrada, entraram nas minhas veias, foi algo visceral. Começou nesta cidade tão barulhenta e urbana a minha viagem para o mundo indígena.”

Com essas palavras a artista Maria Tomaselli descreve o início de seu interesse pelas populações indígenas do Brasil. Juntamente com ela, um número significativo de artistas e fotógrafos se debruçou sobre a causa indígena e ambiental no período. Hoje pouco se fala da realização da exposição Hiléia Amazônica citada por Tomaselli e ocorrida no Masp no ano de 1973. No entanto, ela foi um marco importante na época e constitui hoje uma oportunidade única para resgatarmos a relação entre arte e ecologia que começa a se firmar no Brasil naqueles anos.

A década de 1970 foi marcada pelo início de um debate importante sobre questões ambientais, depois de o tema ter saído da pauta da intelectualidade brasileira por mais de meio século. Para além da sintonia do ambiente brasileiro com uma retomada do engajamento em projetos ecológicos em nível internacional, alguns fatos ocorridos no Brasil contribuíram fortemente para que um grupo significativo de artistas se voltasse para tais questões. Primeiramente, a luta e, finalmente, a fundação do Parque Nacional do Xingu em 1961 mobilizou uma parte importante da intelectualidade nacional em torno da necessidade de preservar tais conquistas contra as constantes invasões de garimpeiros e fazendeiros. Muitos artistas viajaram ao Xingu a fim de documentar a realidade dos índios lá estabelecidos, sensibilizando-se com relação à causa ambiental e indígena. O debate também se intensificou devido ao projeto e construção da rodovia transamazônica, inaugurada em Agosto de 1972, que ligava o norte do país ao litoral da Paraíba, destruindo florestas e invadindo terras indígenas em sua fúria para ocupar o interior do país. O debate sobre os danos ambientais e culturais provocados pela abertura da estrada tomou a imprensa e mobilizou também diversos artistas. A exposição Hiléia Amazônica, realizada sob curadoria de Pietro Maria Bardi no Masp, vincula-se diretamente a estes debates. Para a preparação da exposição, Bardi consultou vários especialistas e recolheu um vasto material de imprensa sobre questões de política ambiental, como a Transamazônica e o Xingu. Esse material encontra-se ainda hoje disponível ao pesquisador. Partindo em grande parte da análise desse material, o presente trabalho visa resgatar a história da concepção e realização da exposição, assim como entender as formas particulares de engajamento dos artistas em questões ambientais nos anos 70 no Brasil.